

Coluna do Castelo

A mídia eletrônica não é o apocalipse

A final a mídia eletrônica não é o apocalipse. O dono da segunda maior rede de televisão do país teve sua pretensão de disputar a Presidência da República barrada pela Justiça Eleitoral em decisão tomada em consonância com a opinião pública. E opinião expressa não por seus concorrentes da Rede Globo mas pelos grandes jornais do país, o **JORNAL DO BRASIL** e *O Globo* no Rio de Janeiro e o *Estado* e a *Folha* em São Paulo. Também não foi a mídia eletrônica que, no ano passado, elegeu Luiza Erundina prefeita de São Paulo, Olívio Dutra prefeito de Porto Alegre, Jacó Bittar de Campinas, Marcello Alencar do Rio, Pimenta da Veiga de Belo Horizonte e tantos outros. Algumas dessas eleições tiveram a ver com emoções populares desencadeadas pela morte de três operários em Volta Redonda, que se alastraram pelo país nas ondas da televisão e do rádio. Pelas emoções suscitadas pela notícia mas não por indução do veículo. O veículo não é a mensagem.



Os adversários da candidatura de Fernando Collor de Mello atribuem seu êxito ao apoio da TV Globo, apresentando o candidato como agente e locutor da mais poderosa rede de televisão nacional. Ora, isso não corresponde exatamente aos fatos. Collor declarou-se candidato num impulso pessoal conseqüente de avaliação dele e de seus amigos da repercussão no país da campanha contra os *marajás* alagoanos. A Rede Globo, embora lhe abrisse espaço, não fazia dele o candidato. A expectativa dos amigos do jornalista Roberto Marinho seria antes de procurar no maior partido, o PMDB, uma solução que correspondesse às aspirações do grupo. Depois que Ulysses Guimarães foi posto sob controle da esquerda, tentaram armar a candidatura do governador Orestes Quêrcia.

Frustrados nesse partido, houve buscas e especulações em outras áreas. O pessoal da Globo passou por Aureliano Chaves que jamais revelou densidade eleitoral. Imaginou solução alternativa no PFL com Jânio Quadros e Antônio Ermírio de Moraes. E chegou a armar com base na candidatura de Mário Covas um "choque capitalista" mediante o qual se tornasse possível o apoio de um ~~sistema conservador a um candidato~~ que se diz progressista e oriundo de atuação recente na Constituinte com bastante marca esquerdista. O "choque" não prosperou. E a candidatura Collor, que basicamente atendia aos interesses do grupo, foi afinal endossada. Collor é empresário, privatizante, liberal, partidário da cooperação do capital estrangeiro, etc, todo esse universo de pressupostos que condicionam apoios a um candidato dentro de determinadas vertentes da opinião pública.

Houve, porém, relutância na fixação de apoio de Roberto Marinho a Fernando Collor, o que poderia parecer estranho por se tratar de membro de uma família proprietária de estação de televisão subsidiária da TV Globo e filho de um velho amigo de Marinho e seu sócio (em alguns negócios). Ainda há quem se lembre da participação do senador Arnion de Mello no caso do Parque Laje. É que Collor, por seu temperamento e por sua impetuosidade, envolve um componente de imprevisibilidade que não é estimulante para pessoas do tipo das que compõem o *staff* da Rede Globo. Fernando Collor é um risco, mas, no frigar dos ovos, parece ser o risco menor e, ante o malogro das alternativas tentadas, melhor com ele do que com outro que não ofereça segurança ideológica.

Se Collor afinal for eleito não chegará ao poder como filhote da TV Globo mas como expressão de fatores diversos, entre os quais o desejo de mudar, o inconformismo com o governo Sarney e o repúdio aos políticos de modo geral. Não há dúvida de que para as chamadas classes dirigentes, entre as quais o grupo Globo tem assento na primeira fila, Collor assusta até mesmo pela incontinência com que ataca e agride sem atentar para conveniências e deveres de convivência democrática. Sua cruzada contra Sarney não deixa de ser desde já um foco de apreensões.

As grandes decisões do TSE

A rejeição do registro da candidatura de Sílvio Santos, importante em si mesma, não foi o primeiro ato do Tribunal Superior Eleitoral a se revelar decisivo no encaminhamento da sucessão presidencial da República. Em 1984, o mesmo TSE, em decisão histórica, rejeitou o princípio da fidelidade partidária. Se a fidelidade tivesse prevalecido, Tancredo Neves não se elegeria e o presidente nestes últimos cinco anos teria sido Paulo Maluf.

Hugo vai ao Piauí

O senador Hugo Napoleão, presidente licenciado do PFL, vai hoje ao Piauí reunir-se com seus correligionários para reexaminar a posição do grupo em relação à sucessão presidencial. No estado, a tendência de parte dos seus amigos é apoiar Leonel Brizola. Outros preferem Collor. O senador, antes do segundo turno, não se definirá.

Carlos Castello Branco